

digital gratuita. Proibida a reprodução ou uso para fins comerciais.

ALGIBEIRA DOS OLHOS

TÁCIO PIMENTA

Ilustrações de Álvaro Maia

"A memória é uma ilha de edição", escreveu, em 1995, Waly Salomão. "Onde e como armazenar a cor de cada instante? / Que traço reter da translúcida aurora?".

Os olhos são um buraco de fechadura, fenda de mão dupla, depósito vazado de esquecimentos insurrectos, faróis que apontam adentro e afora, forja e matéria da artesanía louca dos sonhos.

Neste livro, o olhar – ou sentido outro que o valha – trança a linha demasiada humana que conduz a uma jornada dantesca, de desertos e infâncias, de infernos e nirvanas, oásis de terra vermelha, pés descalços e contemplação.

Aqui, a cor e a dor de cada instante tenta atrasar os ponteiros, reter-se em palavras: transmutar-se em sensações. São, decerto, poemas de carne e nervura, de avessos e entranhas, se esticando para roçar delicadamente o intangível da existência.

ALGIBEIRA DOS OLHOS

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

ALGIBEIRA DOS OLHOS

TÁCIO PIMENTA

Ilustrações de Álvaro Maia

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

1ª Edição

Rio de Janeiro · 2024



Copyright © 2024 Tácio Pimenta.

Todos os direitos reservados.

Ilustrações: **Álvaro Maia**

Projeto Gráfico: **Paulo Ronter**

Revisão: **Marília Pereira**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P71a

Pimenta, Tácio
Algibeira dos olhos / Tácio Pimenta ; ilustração Álvaro Maia. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Mórula, 2024.
128 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-65-6128-054-9

1. Poesia brasileira. I. Maia, Álvaro. II. Título.

24-94132

CDD: 869.1
CDU: 82-1(81)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439



Rua Teotônio Regadas, 26, Sala 103
20021-360, Lapa, Rio de Janeiro - RJ
morula.com.br

contato@morula.com.br

morulaeditorial @morula_editorial

O Ministério da Cultura e a Secretaria da Cultura do Estado apresentam Algibeira dos Olhos.
Projeto realizado com recursos da Lei Complementar nº 195/2022.



Este projeto foi realizado com recursos da Lei Paulo Gustavo, Ministério da Cultura, geridos pela Fundação Cultural de Palmas.

À família,
aos amigos e amigas,
aos mestres e mestras,
às leitoras e leitores,
aos bares e noites,
a quem cuida da vida,
a quem tenta a justiça,
a quem zela o mundo,
a quem partiu,
a quem permanece,
a quem amo,
amém.

*A Gilson Cavalcante (in
memoriam).*

SUMÁRIO

PREFÁCIO	15
I	19
coisa de menino	21
elemental	22
anatomia	24
passarinheiro	25
calefação	26
caminhar	28
banzeiro	29
lajeiro	30
ode em combustão	32
II	35
autoficção	37
artigo primeiro	38
clima	39
inclinações	40
cordel iconoclasta	41
esquizofrêmito	44
gênese	46
III	47
eu vou pular teus muros	49
do ócio e seus ofícios	50
dança cigana	52
intenção	53
insinuada	54
vasos ruins	56
valsinha	57
um bem	58
folia	60
coleópteros	62
memória das estrelas	62
IV	65
post 50	68

pequeno manual filosófico	68
tocantinos	70
beau	72
atrasado	73
agostos	74
bilhete	75
conjunção	76
V	77
reverência	79
um canhão de luz	80
gringa poem	81
nacaome river	83
sete poemas para douglas diegues	85
poema de sete erros	87
VI	91
deus que chora	93
orumaiyê	95
ladainha	97
oração I	98
familiar	99
derrocada	100
post-postmodernism	102
do poço	104
transa	105
oração II	107
fiandeira	109
VII	111
imprevisões	113
estranho entardecer	114
insone	115
víscera	116
teor da noite	117
só	119
peripécias	121
sair sair sair	122
salto	123

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

Sou um homem para quem o mundo exterior é uma realidade interior. Sinto isto não metafisicamente, mas com os sentidos usuais com que colhemos a realidade.

(Fernando Pessoa, in “Livro do Desassossego”, por Bernardo Soares)

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

*Sonhava que no meu sonho
retinha uma zona lúcida
para concretar o fluido
como abstrair o maciço.
Sonhava que estava alerta,
e mais do que alerta, lúdico,
e receptivo, e magnético,
e em torno de mim se dispunham
possibilidades claras
(...)
Ai de mim, que mal sonhava.*

(Carlos Drummond de Andrade – “Sonho de Um Sonho” in “Claro Enigma”)

PREFÁCIO

por Osmar Casagrande

Este livro principiou em mim seu fascínio, pelo título. Prendeu meus olhos e minha atenção como se fora um par de ganchos macios: Algibeira dos Olhos. A palavra antiga (algibeira) já me disse muito da mão que a escreveu, da mente que a pensou como repositório dos tesouros dos olhos. Poeta jovem que remete os sonhos e as visões a uma algibeira, em desuso para a maioria, forçosamente tem algo de profundo em sua visão de mundo.

Foi com essa profundidade que Tácio Pimenta me apresentou-se poeta. Nada da melosidade das “poesias” que se veem espalhadas, empapadas do gosto popular; nada de maquiagem das rimas nem métrica silábica, a impor ou justificar o poema; nada que empobreça o sonho do poeta.

Algibeira dos Olhos, alinhavado, cerzido, arrematado pela linha poética de Tácio Pimenta foi configurado em sete compartimentos, cada um uma fase de sua vivência, comportando os tesouros guardados na algibeira dos olhos em

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização e uso para fins comerciais.

trama de memória, e além: vê no outro a velhice que (ainda) não tem. E vê nos outros poetas os pontos casados (pontos de cadeia) que tem. E os nomeia, e os homenageia numa humildade terna, passaporte suficiente para o estrear e o estrelato.

Tácio Pimenta inaugura a primeira fase deste Algibeira dos Olhos, com a condição do menino que aspira dominar o mundo, conhecer as coisas do mundo, vivenciar as realidades para além do mundo e seu caminhar pela existência, como se pode constatar no poema “coisa de menino”: “subiu pela goiabeira / para o telhado da casa / ficou por lá, vagueando o olhar / ora pro norte, ora não”. Esse o modo de observar possibilidades de caminho da cumeeira dos sonhos.

Segue a saga na fase seguinte, impondo compreensão e um tanto de abstração filosófica em “artigo primeiro”: “a bem da verdade / verdades não cabem a mim (...) ora, / se me bastasse a compreensão / escreveria explicações / não poemas” e segue adiante, numa trama poética que constrói, desconstrói, reconstrói conceitos e intenções como vemos no poema “do ócio e seus ofícios”: “ai, preciso atrasar os ponteiros do instante / protelar a passagem do dia / quero apostar para perder / a hora que não é minha / viçar, compreender o vício / versejar, não me preocupar / com o fim ou com o início”.

E assim segue Tácio Pimenta deslindando a filosofia, a poética, o sentimento religioso com suas asas de ladainha e pés de saravá, generosamente mostrando, sem vitrine que os isole,

os tesouros todos que carrega, diligente, na algibeira dos olhos. Mais não digo e deixo para o leitor o prazer de deleitar com a riqueza de beleza e poesia nos poemas de Tácio Pimenta.

É com regozijo que me dou conta que a algibeira de meus olhos guarda o brilho intenso de mais uma estrela que surge no céu de poesia do nosso universo. Bem-vindo, Tácio, o infinito sonho te recebe e bendiz. Salve, poeta!

Palmas, 11 de setembro de 2024 (Dia do Cerrado).

Osmar Casagrande Campos é ator, poeta, escritor, dramaturgo, publicitário e advogado, natural de Presidente Epitácio-SP e residente em Palmas-TO desde 1989. Membro da Academia Palmense de Letras e membro correspondente da ACALANTO (Academia de Letras de Araguaína e Norte Tocantinense), é autor do livro de contos *Retalhos* (Kelps, 2002) e do livro de poesia *A CASA* (in)cômodos (di)versos (Kelps, 2009).



Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

I



coisa de menino

subiu pela goiabeira
para o telhado de casa
ficou por lá, vagueando o olhar
ora pro norte, ora não

pulverizava os pensamentos no horizonte
e coçava gostoso o dedão do pé
o sol estava em vias de afundar
e foi reconfortante sentir aquecer às costas
os raios mais coloridos do dia

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

foi de um orgulho quase filosófico
virar as costas para o astro rei
e ver sua pequenina sombra crescer
e envolver o mundo todo num abraço frio

anoiteceu
e nunca mais foram os mesmos
aqueles olhos de menino

elemental

eu sou do ar e tenho parte com o céu
trago goteiras insolúveis na algibeira dos olhos
posso sentir a transição das estações
através das minhas saudades
e transo vendavais quando é preciso emprenhar velas

existo mais em movimento
e quando paro suspenso
orquestro com o tempo a profusão de tempestades

eu sou do ar e trago as nuvens como um véu
gosto de mapas que não ensinam caminhos
e de beijar sorrisos que conquistei

a vida é um sopro infalível
— dizem que de deus —,
mas a verdade é uma invenção
assoprada por poetas distraídos nos ouvidos
de acender as cigarras
na boca da noite

anatomia

minha cabeça é meu guia e me salva
sempre atenta e ao alto
mirando a estrela d'alva

meus pés batem o chão sem receio
cadente na ordem das coisas
pisando o caminho do meio

minhas mãos tocam o ato da vida
carinho, ofício e arte
pulsando o exercício da vida

meus olhos carregam um farol
apontam adentro e afora
bebendo dos olhos do sol

minha boca prefere o silêncio
presente em gostos e tatos
verdades, belezas, lamentos

meu peito é o canal da existência
e verte os auspícios do cosmo
se abrindo em inconfidências

passarinheiro

foi olhando passarinhos que persegui mistérios
— asas escrevem no vento os versos de flutuar

pincelo as plumas que furtam as cores do céu
com as tintas de um pacto solar

virgem a pele que nunca abriu seus poros
ao canto de um alma-de-gato
com olhos luciferinos

triste dos olhos-meninos que não souberam de ser
a miudeza aguda incontida
na maternidade da beija-flor

são de agostos as laqueras de que tratam as araras
e de setembros a setembros corujas brincam de luar
anuns rastelam no sereno sua coletiva ceia
eu sei
o doce silêncio latente
no afã de um sabiá

hoje não caibo em asas, quedam-se duras minhas
[penas,
mas guardo em meu rosto janelas
ainda sei os caminhos do ar

pertenço à ordem dos seres que se demoram
aprendi o pouso
conspiro com a mãe-da-lua os ardis da noite
entendi o rito
espero tranquilamente quando me rasguem a

[mortalha

antevejo o grito
e enquanto farejo ninhos
eu trago brasa em meu bico

durmo sonhos aquilinos
busco no azul impalpável o habitat
à vida só me agarro de rapina
alada a sina, rente o destino
digo de mim um irmão caído
ou um breve amigo
dos carcarás

calefação

acordei e sonhei que era chuva
corri lá fora e o aroma despertava manhãs
[desapercebidas
voltei para dentro e já escorriam goteiras nas eiras e
[beiras de mim
o cheiro agora era de roupas no varal esquecidas de secar
exalavam umidades e sorviam com vontade o sumo do
céu

fluíam rios por entre as calhas e
brotavam veios nas paredes ressentidas
todas as certezas empoleiradas no jirau
aguardavam o café se condensar em acalantos

chovia, era verdade
e aqui dentro eu sonhava com estiagem no olhar
que acalmasse a erosão da minha pele envelhecida
para que a laca dos perdões impermeasse os interstícios
dos desejos
e o bolor desse passagem
ao leito firme dos sentidos liquefeitos

eu quis dormir,
mas o clarão e o vendaval se alvoroçavam
eu me aninhava em cobertores na varanda
sentindo gotas se afiarem em estilhaços

fechei os olhos e era dia
agora a chuva era veludo ensolarado
já não vertia tanta sanha nas veredas
e as brenhas frias se erguiam
renorvalhadas meio aos charcos

assuntei junto aos sanhaços o andamento da vida
torci os meus andrajos e vi meu corpo nu arrepiar
[de frio
notei que nos poros de tudo corre o fio da
[existência
e a resina que enverniza a lida é o mesmo
[sangue-âmbar que nos envolve
as feridas

caminhar

ando mesmo assim ensimesmado
ensinado pelos erros do passado
que em mim nada há de eminente

ando meio assim a passos vagos
entre posses, metades e cargos
divagando, devagar e persistente

ando bem, assim, estreito e curvo
sem olhar nem acima nem aos lados
sem cegar o que é já restrito e turvo
não pretendo alterar o meu andado

ando a esmo, pra chegar a todo canto
amanheço, de subida, feito o sol
canto baixo para não causar espanto
e anoiteço como a lua, meu farol

banzeiro

minha nau tem odor ultramarino
e a fragrância de um leito uterino
o seu casco desliza enlodado
na fundura de incursões abissais

sou náufrago da flagrante lida
no convés movediço da vida
a içar minhas velas castiças
em sentido contrário ao cais

meu cruzeiro do sul enevoado
queimou cartas e astrolábios
sem porto ou atraque na noite feroz
no horizonte de um tempo fechado
é o solapo das ondas que ouve meus ais

não se conta distâncias em pés
não se mede andanças em nós
não há comandos ou comandados
é de sargaço a urgência da ida
é tudo deriva
partida, partida, partida
no espaço de um canto albatroz

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

lajeiro

sou de um sertão temperamental
aqui cedo se aprende o abecê do firmamento
temer o sol
firmar o pé
e respeitar o temporal

ganhar os mimos e esporros
de um ser divino e extremoso
como a

m

a

r

o céu

espelho grande angular
do oceano abissal

sou de um cerrado aberto e franco
hostil e exuberante
o sexto círculo do inferno
de dante

amplo e aconchegante
como um quintal sem cercado
daqui se vê a chuva chegar de frente
vê-se o ocaso colorir
dois paralelos horizontes
a terra evaporar como um vapor de brasa
tingindo roupas brancas no varal

sou de um lugar de limiar
soleira de pedra do mistério ancestral
pulso de corrente elementar
moto-perpétuo de energia vital

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

ode em combustão

Palmas, Tocantins
milhões de almas planam pelas rotatórias
a espera de um fim

Peões e párias rodopiam em saunas
alheios ao que rodeiam
anseios gritando calma
incêndios varrendo áreas
que
crepitam enfumaçadas
em cada entorno de mim

É plana, é rasa
uma fina camada vazia
espaçada
que o vento ardente zagaia
lapida e talha
correndo em raias pré-fabricadas

Antes que se queira profanar suas calçadas
antes que se queira
dourar-se em sua brasa

antes que se queira
querer
abrir mão do juízo
e zunir ensandecido:
antes que rompa o dia

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.



Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.





autoficção

e literalmente
pouco importa
se o poeta faz o que diz
ou finge o que sente

a verdade
quem sabe se existe?
a mentira é o recreio
da mente

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

artigo primeiro

a bem da verdade
verdades não cabem a mim

por isso, benzinho
não me fites assim
com ar de quem mataria
por rimas de poesia
ou sinais de subjeção

ora,
se me bastasse a compreensão
escreveria explicações
não poemas

clima

vento nos versos
invento
sentimentos dispersos

versos ao vento
amplio
um novo sofrimento

versos na chuva
amor
hoje cai como luva

versos na lama
reclamo
tudo acaba na cama

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

inclinações

eu sou um poeta
nem grande nem pequeno,
mas de minha própria estatura

amo em silêncio
penso alto
choro contido

tropeço sempre
caio às vezes
nem sempre levanto

contemplo
o que vejo ao meu jeito
canto

não morro de fome
alugo meu vício
para outro ofício

nasci com inclinações
que ortopedista nenhum deu jeito
quero morrer dando voltas

eu sou um poeta
e o que escrevo ou não
é o que menos importa

cordel iconoclasta

quero escrever um poema duro,
azedo e áspero
que seja desobrigado
de inspirar corações
onde os versos não se encaixem
e os leitores não se achem no direito
de transcender a razão
– por favor, aqui não

um poema que não se encontre
nos livros ou nos tratados
nem mesmo nos guardanapos
nem mesmo nos peitoris
quero escrever uns versos mancos
de um tipo deselegante
que não agregue ou encante
também que não faça rir

um lirismo que não contemple
burocratas com suas listas
tampouco os anarquistas
com seus sonhos infantis
um texto que contradiga
o que quer que esteja escrito
e seja de fato malquisto
entre os intelectuais

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

seria uma trova sem charme
nem mesmo na sua feiura
de métrica feita na unha
com intuito de desmedir
suas rimas todas sem graça
e vulgares de tal modo
maçantes como amantes
sentados no banco da praça

sete estrofes de pirraça
cada sílaba uma injúria,
mas não muito contundentes
para evitar que de repente
seja um poema odiado,
pois seria até um fardo
pesado em demasia
muito além das pernas débeis
de uma lira tão modesta

um poema para que eu
como autor, me envergonhe
e ao mesmo passo me orgulhe
por ninguém já tê-lo feito
nos saraus dos vagabundos,
no bolor dos manuais,
na pompa dos acadêmicos
ou literatos egocêntricos
nos cadernos dos jornais

um canto para ser rasgado
e tão logo esquecido
por lhe faltar a nobreza almejada
dos imortais
ou o escarro apaixonante dos malditos
ou as cores de afresco
das cúrias das catedrais

no vazio das metáforas
na falta de simbolismos
encaixarei alguns vícios
de linguagem e de postura
fonemas encavalados
rendidos e redundados
fartos de aliteraões

e aos críticos que tanto esperam
com seus gestos cardeais
ter-me os versos subscritos
para apreciação
a estes digo que não
tal deleite não lhes daria
de cravar que esta lira torta
sem sentimento, natimorta
não pode ser poesia

versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

esquizofrêmito

quanto mais se fala em versos
é de avesso que aconteces
como se fosse um consenso entre as partes
*“viro para um lado e sigo
viras para o outro e segues”*

silenciados tememos regressos
de encarar subterfúgios da alma
de vislumbrar o lamento dos signos
revisitar a feiura das marcas

é este acesso faminto ao fomento de nós
é esta varíola louca
num vascular vasculhar nos torna só
pós, nas paredes carcomidas de mágoas
nos tapetes-frangalhos dos nossos olhos de nódoas

num arremedo de humanidade forçada
faz-se simbiose o que é paralelo
prende em um só corpo o que não iguala em nada
pretende cerrar em nós o nosso frágil elo
no metafísico que o cerne comum encerra

partimos nós, como o que é oposto
definindo embates na distância posta
que finda na colisão de nossas faces:

“te devoraria, me devorarias”

...farrapos de essência em posição fetal
abraçamo-nos um ao outro, cravados em unhas...

fracos para subjugar
fortes para morrer
um *ying-yang* fugaz
a sopa primordial do esquecimento de um ser

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

gênese

do labor à arte se palavreia o poema
ofício dos silenciosos contemplantes
grito de alerta para quem verbo é flecha
porto claudicante em algum ponto horizonte

na dimensão tangente ao núcleo da realidade
orbitam mais-do-que-oníricos sentidos inexistentes
brotam dos poros do concreto agudos e resolutos
sintagmas indóceis, afagos de rebeldia

a febre que se apodera daquele que ri ou chora
a verve que efervesce o pensamento adoecido
a paisagem indescritível que pulsa e rasga a artéria
são talhos de um artesão ardendo a madeira morta

flutua em sua natureza os mistérios da intenção,
pois só assim se penetra o miolo do imprevisto
o acorde que transfigura convenção em convulsão
a tábua de salvação da nossa humana miséria

àqueles que plantam os versos de colher utopias
– orquestras sonantes para ouvidos silentes –
o ritmo, a rima, o signo, o quilo da antimatéria,
e a valsa do paradoxo na irreversível entropia
são chistes de poesia às folhas secas da mente





eu vou pular teus muros

eu vou pular teus muros
não como quem quer entrar
nem como quem tudo leve
eu vou pular

não como esquecer as chaves
ou quem não tem aonde ir
como os carneiros que contam ao dormir
eu vou pular

Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.
e meu pulo não vai te acordar
nem quebrarei os grilhões destas grades,
pois quando achares que me atrasei
eu já pulei

do ócio e seus ofícios

ai, quero viver a preguiça sem pressa
de tez chuvosa ou displicente
de mormaço
intensa e mansa
quero a preguiça que não dorme
e nem se cansa

quero esgotar em teu corpo lasso
a languidez de um carinho lento
que se demora em cada canto
economiza em movimento
ao passo que o passo
dos dedos
torne-se tanto

ai, preciso atrasar os ponteiros do instante
protelar a passagem do dia
quero apostar para perder
a hora que não é minha
viçar, compreender o vício
versejar, não me preocupar
com o fim ou com o início

sim, quero um debruçar
que seja macio e extenso,
mas que se espalhe
em não mais
que o espaço curto de um desejo
e permita observar
as fases metafísicas do dengo
derreter
ebulir
deixar-se precipitar
ah! ah! sublimar!

quantos pecados
– ai, me ajuda a investigar –
fazem morada no descanso?
e a descobrir se na desídia
imerso em tato, olor e saliva
indolor, lentamente, indolente
há tempo
para amar
suficiente

dança cigana

a distância das linhas
nas palmas das mãos
engana

serpente-repente incendeia
o barco atracado no porto
da cama

na ponta dos dedos
saliva e pele
transmutam o corpo em flauta

serpenteia

presente
ao olhar seduzido

severina romani gitana
tambor de crioula
batuque encantado

o mapa secreto da mina
oferta
a crina sem rédeas
de um ser alado

intenção

incrustado na boca o visgo de um beijo guardado
selado no peito o pavio das intenções contidas
na linha de transmissão dos sentimentos velados
a pulsação indiscreta em veredas estremecidas

descortinados, os poros sublimam desejos
amotinadas, sensações se derramam num manto
olhos envergonhados brilham à luz dos encantos
as pontas dos dedos rompem o véu dos ensejos

entre teus arrepios um quase toque se espalha
a respiração como extensão do corpo
o gesto mudo como expressão da fala
em que lugar se esconde tudo que se cala?

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais

insinuosa

teu insinuar me incita
dá em mim
coisa assim
sinuosa e potente
feito curva de rio

teu implícito me excita
e explícita o que sinto se
teu corpo serpenteia
ensolarado
cavando um leito de desejo na areia
ou no lençol

qual cigano corto os dias
em tua pista
romeiro dos delírios, cruzo um deserto,
mas o mormaço de um oásis me situa
meio às vertigens
da tua cartografia

são muitas noites, eu diria, mil e uma
são muitas léguas (quem diria?), tanto faz
quem não tem porto
é íntimo do destino:
– a sede o mel o rastro a festa o santo
a terra o banzo a fronteira o sol o sal
por que espanto?
é de mistério e feitiço e loucura
a matéria das venturas
é de vontade e lamento e memória
a melodia das canções

gosto muito assim
quando te insinuas
feito correnteza no embalo da curva
até desembocar
mudando o curso
singrando o rio
quebrando – ousada – a barra do (ah!) mar

vasos ruins

seu cheiro misturado ao das roupas limpas
seu rastro demarcando as trincheiras da cama
cabelos dando nó nas dobras de meus dedos
o medo dos segredos que a ninguém engana

um carma e um abismo beiram teu umbigo
há sina e desespero em teu abraço forte
na minha pele, tatuado o teu desejo antigo
na sua boca, abafado o meu grito de morte

é rio que perde o leito sem errar destino
o mel que verte farto em meio às tuas coxas
eu sinto um fogo fátuo em mim me consumindo
é brasa atçada em tuas risadas frouxas

nos perdemos por querer em meio ao labirinto
e encontramos na deriva outras razões de vida,
mas por um instante eu sou apenas o que sinto
e me banhar no teu suor acalma minha ferida

difícil imaginar haver linhas tão tortas,
mas aprendemos a gostar das nossas cicatrizes
vasos ruins que jorram juntos de uma mesma aorta
dois absurdos que se encontram sem finais felizes

valsinha

larga esse cigarro que te traga,
pois tu te tornas amarga
ao querer que ele sinta
a dor que te faz sofrer

dor, minha criança,
ainda que tarde,
falha

senta
saboreia esse gosto
acre,
sempre serena

mil arrebóis
e
talvez, um dia,
um outro saberá dançar-te

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

um bem

eu não te decifro
assim, te suponho
meu melhor carinho
é o que te proponho
calor no abrigo
aconchego no ninho
tu em cima eu embaixo
no espaço que der
eu me encaixo
goles de um bom vinho
pra admirar a paisagem
e sempre que for possível
um tantinho de sacanagem

olhar pra lua contigo
e achar bonito
fotografar as estrelas
dando mole no infinito
fazer um mapa das plantas
que dão mais fruta ou mais sombra
as que têm a madeira bruta
ou a florzinha que dá lombra

e viajar
em estrada de pedra ou de terra
saber onde brota amor
e onde precisam da gente na guerra

de noite ao teu lado na cama
depois de cachaça ou labuta
jogar com o teu corpo pelado
uma espécie safada de luta
deitar encharcado em teu braço
amarrado contigo na trama
de sede, suor e cansaço
e mastigar
na borda do ouvido um dizer
meio embolado
jurando um tal bem-querer

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

folia

vou colocar tua imagem no andor
erguido e carregado
por meus dois olhos devotos
na procissão da memória

acenderei uns círios de cor saudade
para alumiar os folguedos e martírios
a visitar cada rincão
de um sertão chamado peito

louvarei tua beleza em ladainhas
com tua bandeira hasteada em meu terreiro
e estes fiéis tão marejados na folia
tanto de fé e de licor embriagados
profanarão minha tristeza em alegria
para fazer do meu amor algo sagrado

vou bendizer tua paixão em cada casa
e encharcar n'água salobra o véu rendado das pupilas
para benzer toda janela onde deságua a mágoa
comer, beber, rodar, baixar
em outras freguesias

içar as fitas e estandartes madrugada adentro
queimar fogueiras e vaidades, abraçar aflitos
levar incensos e tesouros a quem necessita
deixar um rastro de poeira em todas as miragens

são teus cabelos a capela desse meu reizado
a minha pele é o caminho dessa romaria
a parafina arde e desvela a chama dos desejos
eu, de joelhos, santifico
todos os pecados
ao longe some e cai do céu a estrela vespertina
em breve o Sol desponta à forja
de um novo dia

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

coleópteros

o gole da bebida reverbera em arrepio
na barba por fazer
espero o impacto do líquido
arrefecer
um entrevero

há três ou quatro dias que não te vejo
a última vez você estava tão linda
um besouro azul e roxo estava preso em teu cabelo e
teu queixo tremia de nervoso

lembro de tentar acalmar a ti e ao besouro
dando a ele um caminho aos meus dedos
e a ti inventando uma mentira pequena
da ordem dos invertebrados
que fosse capaz de trazer tua mão mais para perto

você não gosta de mentiras ou insetos,
mas pouco crê quando admito
o que imagino ser real
pediu-me até que não falasse assim:
– verdade alguma precisa ser tão ríspida
tampouco, são absolutas

agora o conforto na bebida
onde antes o seu queixo
estremecia
antes teu incômodo era uma graça
agora uma verdade mais macia
me atravessa
e me faz dar outro gole
este, sim, absoluto
de saudade

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

memória das estrelas

quando eu partir

quando o clarão do meu fim
me extinguir

uma criança
em outra galáxia
apontará o céu

e assistirá
admirada
minhas lembranças
de ti

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

IV



post 50

a vida é dura, vã e curta
sou caçador da saudade
não há distância da presa
que minha paixão não encurta

a cor da minha alma é furta
a vontade é o caminho do desejo
a beleza é o caminho da verdade

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

pequeno manual filosófico

rasgar o ar
romper a trama
seviciar a superfície
do pensar

puxar o fio
trabalhar o movimento
para inventar a vida
e entender na pipa
a lição do vento

fisgar
no cerne do cio
a negaça da razão
e aprender no pé
descalço
o chão

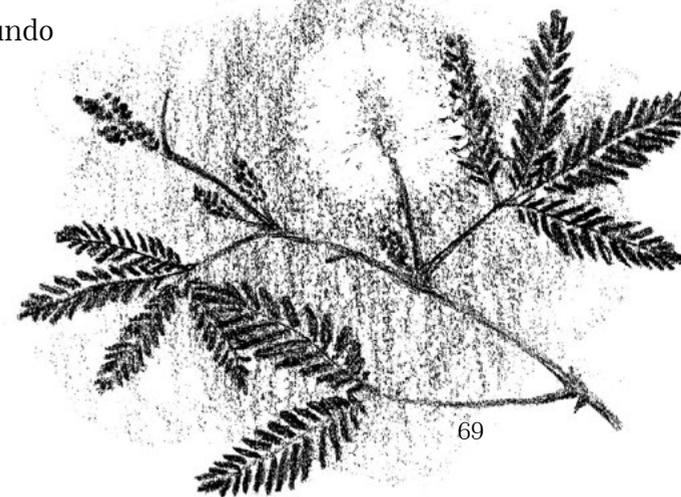
servir
a inércia
em sacrifício
e dissecar
tudo que faz do
prazer
um vício

acender
no brilho do olho
um molho
e aceitar na dor
a sentença
do fogo

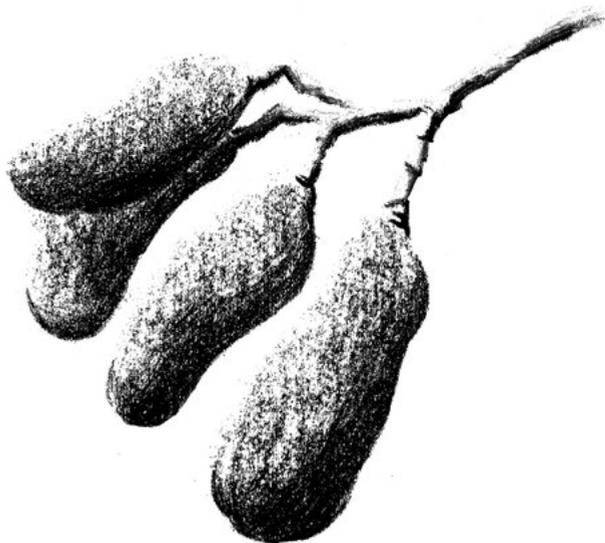
ascender
romper o fio
de prata
encerrar no corte
o segredo
da faca

descaber
incutir no éter do tempo
o corpo massivo
do mundo
e destilar
no feitio do raso
o aroma do fundo

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.



tocantinos



verão

no céu do cerrado
será sempre
feriado

inferno

no fogo do sol
de palmas
o céu
sublima almas

agosto

brisa vira vento
e tingem
de marrom
o firmamento



poeira

no ar deste lugar
a terra
também quer
evaporar

ponte

no lago
a lua brinca
de luar



outubro

vira o tempo
as folhas levitam
as nuvens caem



Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

beau

visto tua pele nua
que queima
a carne crua
de meu peito frio

avisto a nossa lua
pequena
a pintar espirais
em teu olhar vadio

atrasado

a mesa está posta para amanhecer
poesia matinal, café quente
desejos indolentes

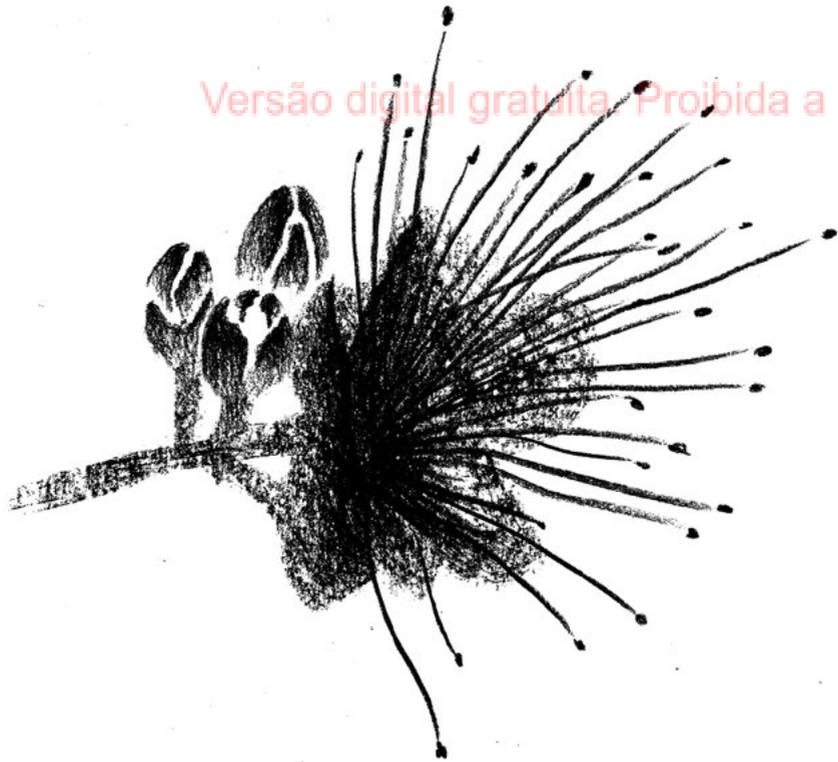
a vista embaçada do vapor
de um sonho ainda morno
o Sol lá fora urge
o pão nunca nem saiu do forno

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

agostos

cá dentro
tudo que inspira
alento

lá fora
tudo que respira
fulora



Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

bilhete

se precisar sair,
favor regar os contrapontos da ausência
para que a saudade possa brotar entre os espaços

quando partir
pule a janela sem sandálias para ensinar à luz
novo caminho por sobre o peitoril

encontrando passarinhos no jardim contemple a
[manhã

acaso mortos, estude
o melhor lugar para enterrá-los
e crucifique o ar na cabeceira dos jazigos

quanto a nós
não demora, eu volto,
para foder essa distância descabida
e desmedida
entre dois corpos

conjunção

nos vênus
em breve
antes que a terra
nos marte

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

V



reverência

I

meu verso cavalga
cavalcante
no lombo apocalíptico
de um poema gigante

II

meu verso é de reza
rezende
flauta teimosa
em que repouso os dentes

III

meu verso habita
casa grande
(in)cômodos diversos
onde minh'alma brande

IV

versejo como um arado acaricia
tierra
sementes ao povo da noite
lançadas em tempos de guerra

um canhão de luz

para Luis Buñuel

aço de fio agudo
na tira estirada de couro

nuvem cortante

navalha
na lua do olho
– agouro

rompante à calmaria

o amante e a mão fria
se enlaçam
sem sexo ou nexo
e apalpam o peso do som

gringa poem

of course
now i was a horse
and my hero was a good malandro
telling me in a meek way
there will be nevermore a sabiá
just a weak raven
in a drown
down the mississippi river

so now i'm doing my best
but take it easy
not so fast
just trying to realize that
uncle Sam is not my relative
and even in december snow
it will never be this cold
underneath my
south hemisphere's
soul

rush rush
i'm not a cockroach
can't you see beyond my skin
straight from the third world?

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

hush hush
pray for me
just everyday
and i'll be back mainha
for god's sake
sing to me a ladainha
soon i'll be back mainha

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

nacaome river

flanando em la calle treze me quedo pela avenida
ay, mama, me bate um banzo
se penso em meus bons hermanos
mestizos, americanos
levados pelas honduras
de nossas veias tão abertas

la calle é a própria vida,
a cicatriz e a ferida
caídas na massa rota
de las iglesias corrompidas
erguidas na terra morta

prossigo a passos anchos
à frente o nacaome
ao lado lo guacirope
recordo minhas próprias margens
la misma herencia la misma historia
a terra deu, o branco come
todo sangue vertido en la memoria

adeus, meus irmãos em sina
de sorte tão subalterna
a liberdade é a derradeira

*yo tomaré la carretera
hasta la guerra
hasta la muerte
o hasta la suerte
de la victoria eterna*

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

sete poemas para douglas diegues

primeiro

ay, diegues
mira, que dó
hoy missy Gal se murió
nunca poderei me olvidar
de lo sonido de su canción

hoy yo canto y lloro
hoy yo sufro y me demoro
hoy yo voy me afundar
en frevo, tabaco e ijexá

segundo

paro
pienso
sinto o corpo tenso
empiezo a sacar

falta guarani
em meu yorubá

terceiro

TERRA NOSTRA

mira
que curioso, hermano
meu español tiene un poquito
de italiano

quarto

FATAL

el tiempo
es un putíssimo arrebol

faltam-me palavras em português
también me faltan en español

quinto

PORTUNHOL

hoje posso sentir
um pouco mais que antes
minha língua capinar a língua de cerbantes

sexto

si dios existiera me quedaria desnudo
si dios existiera yo beberia sus ojos
si dios existiera el sangraria más vino
si dios existiera era mais dulce essa noche
si dios escucharía meus gritos
si dios pelearías sin hambre
si dios seria leve el tiempo
si dios não haveria credores
pero si dios no existe
hay todavia
poetas
hay todavia
lectores

sétimo

NO HAY FRONTERAS NO AMOR NI EN LA POESÍA

- sonho, que coño!
- pulo, que culo!
- rola, que tal?
no se necesita traducción
para el acto transcendental

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

poema de sete erros

para Drummond, Torquato e Macalé

quando cresci um anjo distorcido
desses que escondem da gente em gavetas
me disse: bora, Zé, *let's play that!*

saí por aí sem ter discurso profundo
sem me ligar no que via
apoiado em amuletos e muletas
e em três frases feitas que um velho tio me dizia

cachorros espiam ossos e perseguem motocicletas
crianças lambem vitrines
e a vida talvez fosse linda
não fosse tão tarde pra isso

anúncios abilolados propagandeiam pílulas
edifícios são erguidos em *fast forward*
um remédio para cada emoção? – pergunta a razão
porém, meus olhos mal sabem o que veem

atrás da barba desalinhada há um rapaz
desafinado, secreto e mofino
tem muitos amigos e poucas convicções
não precisa muito para que o saibam:
o rapaz desalinhado atrás da barba

*amor, amor, porque me abandonaste
se sabias que crio demônios
e a fraqueza é o meu único norte*

mundo imundo e triste
mundo confinado
eu não devia me entregar assim,
mas esse copo metade vazio, esse frio
botam a gente impotente e só, como deus

versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.



Yousin digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

VI



deus que chora

a ausência é um prato amargo e seco
que se come em silêncio
e se mastiga aos pedaços miúdos das horas

sua natureza é escassa
no entanto, essa míngua tem o peso absurdo
das grandes construções vazias

seu fluxo avinagrado corre sem clausura
seu leito é tudo quanto deteriora
o peito é foz vazada de rejeitos
pulsando emaranhado em um novelo de demoras

com a anuência dos ponteiros do destino
a ausência cava a nossa própria cova
funda e lancinante, a corrosiva azia
é a antimatéria da essência
é o estardalhaço mudo da descrença
a ausência é um deus que chora

desembainhada a ponta da agonia
desdentada e carcomida a lâmina da memória
o corte que lacera, o gume cego da apatia
quisera haver sossego nessa espera
a dor não é palpável; uma ferida sem cor
a falta é a derradeira morte do amor

orumaiyê

é ebó
é trabalho é mandinga
pra vencer a demanda
no encanto
na fé e na ginga

é coragem é axé é pipoco
orixá de frente
preto velho, canjira
e caboclo

catimbó
canzuá, capoeira
pé no terreiro, martelo,
mariô e madeira

encanteria, batuque
candomblé
assento de ponto firmado
o padê o abô o ilê

é folha verde, é metal
é fumaça
é terra quente, pipoca e ori
é água fria, efum
e cabaça

é cabeça e congá
ajeum, caruru, acaçá
contregum, guia, patuá
fio de conta e dendê
adupé, motumbá
rum, rumpi e lê

adarrum, ijexá
xequerê, xaxará
é angola, jeje, iorubá
ketu, bantu, nagô
é inkisi, vodum, orixá

é de ifé é de ifá
yalodês yabás
tabuleiro, esteira, alguidar
pemba, obi, itan, odu e oriki
diasporar, reagrupar, sobreviver
exuzilhar

é de deus e da terra
e do homem
tudo que o corpo gira
tudo que o santo dança
tudo que a língua cala
tudo que a boca come

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

ladainha

dá volta ao mundo camará
que o mundo deu, que o mundo dá

nas voltas do mundo
tempo voltar
tic tac ritmado
os ponteiros do relógio
em movimento circular

tin dom din
são pernas em tesouradas
em ponteiros e armadas
tateando no passado
um inconcebível fim

tin din dom
é movimento rasteiro
é inversão de energia
dobra do tempo no corpo maneiro
ê camará, é sinergia
orquestrada pelo som

em um princípio sem métodos
a ânsia de liberdade
aprende na volta do mundo
a cair, a derrubar
a chamar quem vem de antes
para que haja um depois

que a roda é que gira o mundo
e o canto é que traz para perto
a voz dos nossos avôs
e ecoa numa cabaça em um lamento profundo
que enquanto o mundo dá volta
mandinga dá volta ao mundo

Wapão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

oração I

que deus me permita morrer
às seis e meia da tarde
cair sem nenhum alarde
tombado na praça da orla

e que me seja consentido,
ainda que por acaso
nos olhares mais atentos,
meu olhar enternecido
ser percebido e anotado
como lições em uma lousa

que dê-me aos olhos minguantes
a concessão da visão
das cores mais lindas do ocaso,
minha terminal comoção
sentida e derradeira

e que no meu fim, continue
a vida, mas finde o dia
o ser a deixar-me de ser,
qual luzes descendo a ladeira
sozinho, no adeus às minhas musas
para anoitecer, de fininho,
junto com todas as coisas

familiar

estudávamos as regras
quando a vontade era regar os vícios

pulávamos as noites
negando ao corpo cambalear abismos

crucificávamos o cristo após as missas
nas noites de domingo

para foder toda manhã os nossos sonhos
em troca de um abrigo

Nota: Este texto é digital gratuito. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

derrocada

eu comecei, não sei bem
não sei onde
se no amasso de um bagageiro
se no continuum furado de uma estrada
não sei de nada
se num puteiro

fosse cangaço
primeiro chumaço do tempo inteiro
que as derradeiras lanças que choveram
selam a fundo este chão
e encerram em poucos passos
as voltas do mundo

mas, o tempo era outro e não se media
no pisar custoso de uma botina,
pois que a menina
e o olhar mimoso
com seu sorriso imundo e amor pequeno
já me revelara um dezembro em sina
já resvalara a gana do que eu não temo

fosse o que havia de ser,
que quem não tem caminhos
nunca sabe onde pisa
e foge do berço sem bênção de pai

na revoada do anum o estalido avisa:
quem fecha os olhos na queda
não há de ver onde cai

(...)

*vida, doçura, esperança nossa
volvei ao chão vossos olhos, mãezinha
limpa a poeira que me embaça a face
livrai-me do espinho desta negra rosa
enlaça meus suplícios em tua misericórdia
salve, Rainha*

post-postmodernism

you raise a flag
I hoist various
you collect heroes
I cultivate patrias

the patria that is your mother
also me scarred on the sarjeta
the size of your god
is the same as my capeta

you were molded in clay
by whom I made me grow in mud
your expectation of life
leaves me tied to the bed

*“come with me dear
dance on obelisks of sand
suck all the juice of time
and inject it into our veins
to extract the vaccine from Nada”*

the vacuum between us
that attracts and acua
is the vacuum in me
is the vacuum in you
is the vacuum

do poço

there is a devil inside me
that rots in every vein,
every viscera
and that corrodes in every palm of my soul

there is a demon that inflicts thoughts
that in the shadow of other days
anchored me
and in the blush of my skin they tie me up

there is no shame in the agony of my absence
this satan that claws at my ribs
and does not pull out even when the spine bends
and does not fade until the soul is in pieces

it is a cortejo indescribable of abysses
by which I have walked and broken
and in this joined that opens my mind
and the entredentes perforated by flashes
that come from the wings of this satanás alado

em impossível se livrar do que é de dentro,
pois que impossível expurgar-se por inteiro
tal qual esfinges que se devorem a si mesmas
e regurgitem-se a si mesmas em respostas
sou neste inferno capataz e prisioneiro
de um eterno retorno a conta-gotas

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

transa

senhor, eu sei que tu me sondas
qual cosmonauta longínquo
a tatear migalhas no céu

satã, eu sei que tu me rondas
como um garoto a pastorear
formigas no chão

bem e mal são como ondas
que reverberam em paredes invisíveis
e nos dão movimento e dimensão

chão e céu são superfícies
imperscrutáveis, senão pelo terceiro olho
ou pelo sexto sentido

o quinto que nos cobra a existência
de ser e estar
amassados entre realidade áspera
e impalpável demência

ignorantes e distraídos
se as tripas escorrerão feitas petróleo
ou as almas flutuarão feito poeira
(estelar?)

o divinal floresce na incerteza
e a iluminação provém da leveza
de saber-se parte
do todo
nascido do nada
e acima de tudo
miseravelmente vivo
abençoadamente tolo

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais

oração II

ser esquecido
e preterido como uma pedra cravada
no fundo do mar
ter o meu nome apagado
ter o semblante ofuscado pelo escuro abissal
e cada traço arrancado das retinas com suas cores
e cada traço riscado em papeis e paredes
engolidos por tempo, bolor e cal

não ser jamais invocado, nem povoar pensamentos
escorrer de todos os poros que minha pele tocou
calar todos os lamentos que minha voz ecoou
com cola branca e serragem
preencher cada lacuna que meu suspiro singrou
deixar qualquer rastro escorrer como lavagem
queimar imagens e prosas em um braseiro sem fim

ser esquecido
como um último pedido
um derradeiro perdão
ser encerrado em mim

fenecer na verdadeira eternidade
flutuar como um silêncio em expansão
a liberdade de não ser e nem ter sido
e merecer o dom de ser desconhecido
como a esperança de uma inútil oração

fiandeira

acho que quebrei – balbuciou
com a mirada avulsa –
não sei se volto a remendar

quem cinde, não vai sozinho, puxa o fio
que descose a teia
realidade é trama fina sem remate
fazenda que é nossa sina cerzir
a várias mãos

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

para atravessar o olho da agulha
é preciso lágrima, suor ou saliva
que umedeça a ponta da linha sedenta
de costurar ilusão

é tentadora a ruptura
de espalhar nossos retalhos pelo piso
dói apegar-se à tessitura puída
dos fiapos que nos atam
à barra enviesada do juízo

contudo
existir é fiar-se de milagres

afiar-se
nas impossibilidades
fazer da fé a fiandeira
que une os nossos dedos
aos dedos também cansados
de nossos irmãos

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

VII



imprevisões

há casos em que as previsões
são mais imprevisíveis que o acaso,
pois partem de um pressuposto raso
que o tempo possui suas razões

há noutros a dessemelhança
entre o que acontece de repente
ser eficaz e tomar frente
daquilo que se quer e não se alcança

é sabido em todo canto
que há muitas dimensões na espera
tantas que ensaiam o desencanto
outras a se enlaçar com a esperança
na inocência da agonia sincera

com olhar enviesado,
de um soslaio afiado na ponta da lança
a contragosto acompanho essa quimera
a extrapolar o inconcebível resultado
tateando a fé no vácuo do quem-me-dera

versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

estranho entardecer

que estranho entardecer nos acomete agora
como se um enorme fardo pairasse suspenso na barra
[das horas

decanta-se uma fuligem espessa nos telhados dos
comércios, nos chapéus dos ambulantes, nas moleiras
[dos meninos

a tarde cai e traz à tona nossos defuntos de outrora
ensejo ao medo de que as manhãs futuras não tenham
[traços de aurora

ocaso-ofusco vertendo em raios oblíquos uma noite
[anunciada
ribalta de tristezas obtusas e agonias frias
cerrando o céu – com uma certeza mórbida –
como cortinas cálidas

insone

cada manhã é uma nova despedida
minha vida agora não passa de
três noites mal dormidas

a solidão de quem não tem espaço
o novo prato que não tem mais fome
a embriaguez como um fio de prata

a sensação de que é triste a sina
a ilusão de se pensar que ama
o mesmo impulso de pular do prédio

a imensidão de quem não é de aço
o frouxo timbre que tocado some
a invalidez do que não tem remédio

olho do terraço a consternação
abro as persianas da insensatez
e
ouço no zunido do vento teu nome

mas
não há mais nada que nos ilumine
e o espinhaço da existência enverga
no ponto cego desse breu insone

víscera

exo-afago esto-âmago
suco gástrico
enzima
catalisa a dor
em rima
para vomitar

refluxo de consciência
amargor biliar
poazia

inspiração antiperistáltica
queimação
sentimentos ácidos
existência náusea
regurgitada

expurgo mal mastigado
de um corpo-alma
indigesto
intoxicado de escassez
e excessos

teor da noite

vai, mapeia valas
no andar trôpego
lustra com sola e esmero os vincos da tenra sarjeta
em fuga eterna do fausto
de tão orgulhosos sabujos

abriga no colo a angústia de mil gerações que não
sonham
entorna o torpor das estrelas
e sente o enjoo das grandiosas frustrações
desfruta da vida, da morte
mortilento, embebido no sumo
das flores
do mal

embalsama o farrapo do corpo
na fuligem dos anos de vícios
dos vinhos, dos vasos
vazios, quebrados
comemora a memória perdida
que não há, de fato, o que lembrar-se
não há

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

a carne engolida sem saliva, sem gosto, sem nome
ignora o próprio grunhido
e nem mastigar, mastiga
desperta e desgruda os lábios
estiadados de um súbito coma

procura o sentido da vida escondido na meia furada
responde por escrito os alardes da mãe
joga tudo na cara do pai
a culpa é do Pai, do filho e do espírito

não há maneiras
senta-se de costas para os meios fios
pede uma da melhor e uma da pior

os olhos tais quais folhas secas despedaçam
e descem enfileirados num gargarejo
que não há nada que fazer-se
não há
não se foge da fuga
não se foge da fuga
não se foge

só

me deixe só
não sou valente
o bastante
para ser de companhia

me deixa quieto
que há ferrugem na carcaça
que há ranço no pigarro
e há cansaço na vontade

só
que eu preciso me largar
tenho de me abandonar
pra saber do que sou feito

não faça o que eu não faria
me deixe só
não mendigue meu afeto

me deixe só
minha cama está quebrada
eu preciso ficar quieto

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

me deixe ilha
toda presença é um nó
e para nós não tenho verbo

me deixe à toa
que a fé é pouca
a guerra é vã
a luta é boa

não diga nada
é minha obstinação
dê meia-volta
bata a porta
e
só
me deixe

peripécias

meu jogo é a dor,
o abuso,
o esgotamento,
o afago da velocidade

uma queda na inconsequência
mesmo na vertigem da inércia

mesmo na vertigem há inércia

um golpe de vista
das pupilas mirando o lado de cá,
onde não há nudez nem máscaras,
mas há beleza

minha libertação é o grito,
o estrondo perante o silêncio,
beirando o abismo
de um absurdo mudo
e inexpressivo

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

sair sair sair

sair para onde
nem tenho aonde ir
só saio de dentro dos olhos
mal saio de mim

não me iludi
não posso perder o rumo
se nunca o tive

de dar piruetas no ser
não me abstive

não estou, porém
onde quer que eu vá
eu em mim sou alguém
e além
de qualquer lugar

salto

sem choro
nem vela
nem sombra nem poesia
sem vaselina
um balde de água fria

sem mãe
nem voinha
nem açúcar nem farinha
sem luva de pelica
sem arnica
sem magia

na pele
no couro
na carne
na veia
na retina
sem colírio
sem anestesia

sem prazo
sem pausa
sem trilho nem asa

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

nem teto nem casa
sem estribilho
sem coro
sem brilho

sem chão
sem horizonte
sem fio
sem espaço vazio
sem impulso
nem verdade
além
da

**GRA
VI
DA
DE**

Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.





Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.



Versão digital gratuita. Proibida a comercialização ou uso para fins comerciais.

Álvaro Maia é quadrinista e ilustrador, natural de Teresina-PI, mas radicado no Tocantins desde 1996. Já publicou no site Agência Pública, participou do projeto Arte ao Cubo, ministra oficinas de quadrinhos, ilustra livros, ilustrou *Kriança Índia*, personagem de Rafa Campos e publicou *Vicente - Lua cheia* com Pablo Marquinho. Participou ainda da coletânea *Grandes Sucessos da Brasa Editora*, é cocriador da revista *Mil Grau* e autor da *webtira* Nosferatu.

📷 alvaro_maia_

✉ alvarotmaia@outlook.com

Paulo Ronter é designer gráfico e ilustrador, natural de Xinguara/PA, mas residente em Palmas desde 1993. Desde 2009 desenvolve projetos gráficos para agências de publicidade e órgãos públicos no estado do Tocantins. Dentre outros trabalhos, assina o projeto gráfico do livro de poesia “*A arte de desmantelar Calendários*”, do poeta Gilson Cavalcante.

📷 pauloronter

✉ pauloronter@gmail.com



Este livro foi composto nas fontes Century751 No2, Vistara Sans e Ethos, impresso na gráfica Rotaplan, em outubro de 2024, em papel cartão triplex 300g/m² na capa e pólen bold 90g/m² no miolo.



Foto: Thaylon Reis

Tácio Pimenta é baiano de Eunápolis, mas, também, paraense de Belém, maranhense de Imperatriz e, em especial, tocantinense de Palmas, onde vive desde 2005. Jornalista de formação pela Universidade Federal do Tocantins e redator publicitário de ofício, encontrou na poesia um lugar propício para experimentar, brincar e amar as palavras sem deadline. Algibeira dos Olhos é sua publicação de estreia.



rasgar o ar
romper a trama
seviciar a superfície
do pensar

puxar o fio
trabalhar o movimento
para inventar a vida
e entender na pipa
a lição do vento

fisgar
no cerne do cio
a negaça da razão
e aprender no pé
descalço
o chão



O Ministério da Cultura e a Secretaria da Cultura do Estado apresentam *Algieira dos Olhos*.
Projeto realizado com recursos da Lei Complementar nº 195/2022.